

VOZES SILENCIADAS: IMERSÃO EM GRAFITOS DE BANHEIROS ESCOLARES, COMPREENSÃO DA ARTE COMO EXPRESSÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO

Mikaelli Oliveira de Jesus¹

Universidade Estadual de Feira de Santana
mikabastos@outlook.com

Antonio Almeida da Silva²

Universidade Estadual de Feira de Santana -UEFS
aasilva3@uefs.br

Resumo

Esta pesquisa nasce do desejo de escutar os(as) estudantes em seus modos singulares de dizer sobre si e sobre o mundo. Parte da compreensão de que os banheiros escolares se constituem como territórios simbólicos, onde vozes encontram um lugar para existir, ainda que de forma anônima e espontânea. Nos grafitos inscritos nas paredes, surgem expressões de dúvidas, desejos, angústias e afetos que, muitas vezes, não encontram espaço legítimo dentro da sala de aula, especialmente quando o assunto envolve sexualidade e gênero. Em um cenário em que a escola, frequentemente, não se mostra preparada para acolher a diversidade de corpos(as) e identidades, seja pela ausência de formação docente, seja pela força de estigmas ainda enraizados, os banheiros emergem como espaços de passagem e, ao mesmo tempo, de resistência. São territórios furtivos, onde se compartilham recados, pensamentos e representações artísticas, algumas vezes atravessadas por contradições ou mesmo por discursos de homofobia, o que denuncia a falta de espaços verdadeiramente seguros para os(as) estudantes. Ao observar esses registros, percebe-se a força de narrativas que desafiam a imposição histórica do binarismo de gênero e que clamam por diálogo. Mais que analisar essas performances artísticas, esta investigação se propõe como gesto de escuta: deixar-se afetar por esses signos e reconhecer neles a potência de subjetividades que reexistem, mesmo em meio ao silenciamento e assepsia institucional. Assim, reafirma-se a urgência de uma escola mais plural, sensível e afetiva, onde os(as) estudantes possam ser reconhecidos como protagonistas de suas próprias histórias.

Palavras Chave: Sexualidade; Grafitos; Escola; Imagens; Cartografia.

Introdução

Esta pesquisa emerge do desconforto e da inquietação — afetos que me atravessaram como estudante, educadora e mulher. A temática não me foi dada: ela me convocou. O primeiro contato com os grafitos escolares foi mais do que uma observação estética. As paredes dos banheiros escolares me interpelaram como uma espécie de espelho social, um espaço onde pulsa o que está ausente no discurso oficial: desejos, medos, contradições e corpos. Aqui, opto por empregar também a palavra *corpas*, termo que, em contextos feministas e queer, é utilizado para ampliar a noção de corporeidade, contemplando não apenas o corpo feminino cisgênero, mas também corpos não binários e transexuais. Trata-se de uma forma de marcar,

¹ Aluna da Licenciatura em Biologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

² Professor titular da Universidade de Feira de Santana (UEFS)

linguisticamente, a multiplicidade de existências e presenças possíveis, reconhecendo que o corpo pode se fazer e existir de modos diversos, atravessados por gênero, identidade e experiência.

É nesse espaço liminar, íntimo, funcional, mas também simbólico que a sexualidade emerge, ora como grito, ora como sussurro. Esse chamado se intensificou à medida que retornei às minhas próprias experiências: o banheiro sempre foi para mim um lugar ambíguo. Quando criança, era ali que minha mãe me chamava para repreensões discretas durante os cultos na igreja — como se aquele espaço escondido fosse o único permitido para correções silenciosas. Mais tarde, tornou-se cenário de vergonha, com o receio de que os sons do corpo se tornassem públicos. Em outros momentos, foi um refúgio — onde chorei sozinha, onde silencieei dores, onde o mundo parecia suspenso por instantes. Foi, em tempos difíceis, o único lugar onde pude acolher dores que não sabiam como se manifestar. Também foi palco de encontros furtivos e amorosos, momentos breves, vividos às escondidas, que revelam o quanto os afetos, sobretudo aqueles que escapam à norma, ainda precisam se esconder. Para quem, como eu, cresceu com receio de expressar livremente o afeto ou o desejo por medo da repressão social, o banheiro era um dos poucos lugares onde era possível experimentar alguma liberdade íntima. Foi ali que, entre conversas em festas, confidências femininas e olhares cúmplices diante do espelho, encontrei apoio e escuta. Também foi ali, em frente ao reflexo, que muitas vezes desejei ser diferente — um corpo mais aceitável, uma forma mais adequada de estar no mundo. Esses momentos íntimos me fizeram perceber que o banheiro, além de um espaço funcional, é também um território simbólico de profunda reflexão, onde a subjetividade encontra brechas para se expressar. Assim, os grafitos se revelam como extensões dessas vivências: marcas de uma existência anônima que, mesmo à margem, gritam por escuta.

Segundo Barbosa (1984), os grafitos em banheiros são manifestações de uma literatura marginal, riquíssima em significações, capazes de revelar os dilemas culturais entre natureza e cultura, pudor e prazer, norma e transgressão. O autor defende que o corpo, longe de ser apenas biológico, é atravessado por uma gramática social que organiza seu uso e sua representação. “Ambiente de intensa tensão natureza x cultura, saturado de sexualidade e culpa. Agressivos ou sentimentais, iconoclastas ou reacionários, chistes ou lamentos, os grafitos latrinários podem ser observados como manifestações contraditórias e expressivas, uma literatura rica em significações para o conhecimento de aspectos fundamentais da cultura humana” (Barbosa, 1984, p. 17). Nas escolas, essa gramática se faz presente pela via do silenciamento. Aquilo que é interdito em sala de aula, pela moral institucional ou pela omissão docente, reaparece nos banheiros como expressão direta.

A pesquisadora Sperling (2012), ao analisar imagens e grafitos em banheiros, evidencia como o falo — termo que, no contexto da psicanálise e das teorias de gênero, se refere à representação simbólica da masculinidade e do poder — é frequentemente representado como símbolo de dominação, enquanto a vulva aparece de modo passivo ou erotizado. Isso revela

uma lógica binária que ainda estrutura as relações de gênero e limita a vivência integral da sexualidade. Como também demonstra Ribeiro (2006), desde a infância meninos e meninas são condicionados por estereótipos que moldam suas identidades, frequentemente punindo comportamentos que desafiem a norma. O banheiro, portanto, torna-se um cenário onde essas tensões aparecem inscritas nas paredes. É nesse contexto que a proposta de Foucault (1979) sobre os dispositivos se torna central: os banheiros não são neutros, mas espaços regulados por discursos de poder, gênero e sexualidade. E é justamente nesse espaço regulado que surgem formas de resistência simbólica. Como escreve o filósofo, o dispositivo é um conjunto heterogêneo de práticas, instituições e discursos que regulam o corpo e o desejo. Assim, os grafitos aparecem como contra-dispositivos, ruídos simbólicos que desafiam o silenciamento imposto. A comunicação anônima que ali ocorre não depende de curtidas nem de perfis digitais. No banheiro, o sujeito escreve sem querer ser visto, mas ainda assim deseja ser lido. Há, portanto, uma tensão entre o desejo de invisibilidade e o desejo de ser escutado, um paradoxo que sustenta o próprio gesto de escrever na parede. Nessa “voz sem rosto” habita uma potência que convida o pesquisador e o leitor à escuta sensível.

Segundo Barbosa (1984), os banheiros são um dos principais locais em nossa sociedade onde se pode encontrar a produção de grafitos. Os quais apresentam, muitas vezes, teor sexual, refletindo as inquietações e expressões de jovens em um espaço onde temas considerados tabus não podem ser abordados abertamente, mas que, ao mesmo tempo, são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal. À medida que os indivíduos amadurecem, questões que antes eram consideradas naturais e próprias da infância tornam-se marcadas pelo pudor, e os corpos são silenciados. A percepção do "animalesco" em relação à sexualidade é uma construção social. Conseqüentemente, o ato sexual é muitas vezes reduzido à sua função reprodutiva, associado ao matrimônio, e o prazer individual é frequentemente visto como algo vulgar — especialmente quando envolve indivíduos do mesmo gênero.

Os grafitos, ainda que às vezes reforcem manifestações homofóbicas, são reflexo da cultura que permeia o ambiente escolar. Isso evidencia a urgência de que temas relacionados a gênero e sexualidade sejam tratados com seriedade e segurança em sala de aula. Ao afirmar que “falar de sexualidade é falar de 'ousadia', um tabu para as crianças das primeiras idades e principalmente para as meninas de todas as idades” (Sperling, 2012, s/p), a autora evidencia uma desigualdade de gênero profundamente enraizada. O acesso das meninas à própria sexualidade é frequentemente negado ou reprimido, como se o simples desejo de conhecer o(a) próprio(a) corpo(a) ou falar sobre prazer fosse um ato impróprio. A sexualidade feminina, nesse contexto, não é apenas silenciada é vigiada, interdita e moldada para servir a uma lógica de obediência e contenção. Tal vigilância remete à análise foucaultiana em *Vigiar e Punir* (Foucault, 1997), na qual o autor descreve como as instituições modernas, incluindo a escola, exercem um controle contínuo e minucioso sobre os corpos e corpos, regulando comportamentos e delimitando o que pode ou não ser dito e vivido. Essa estrutura não é natural,

mas histórica e cultural. Simone de Beauvoir (1949), em “O segundo sexo”, já apontava que “não se nasce mulher, torna-se”. Desde cedo, meninas são socializadas para o recato e para a submissão, enquanto os meninos são encorajados à autonomia e à exploração, inclusive do próprio corpo e desejo. A sexualidade, para as meninas, se torna algo do qual se deve afastar, esconder ou temer, diferentemente dos meninos, para quem ela é motivo de brincadeira, curiosidade e validação social. Hooks (2000), por sua vez, denuncia a educação sexista que reforça o silêncio das meninas sobre seus próprios corpos(as). Para ela, negar às mulheres desde a infância a possibilidade de conhecer sua sexualidade é uma das estratégias mais eficazes do patriarcado para manter o controle. Ao não falar, ao não saber, a mulher permanece vulnerável, culpada, desligada de sua potência. A misoginia, assim, opera tanto na negação do prazer quanto na produção da ignorância — uma ignorância estrategicamente mantida. O controle exercido sobre a sexualidade especialmente a feminina não se limita à repressão de práticas, mas atua também na produção de um modelo hegemônico de gênero e desejo. Ao estabelecer padrões rígidos do que é aceitável, a escola e demais instituições acabam por invisibilizar e deslegitimar outras formas de viver a sexualidade que escapam ao binário homem/mulher e à heteronormatividade. Reconhecer essas múltiplas expressões — lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, não-binárias, assexuais, entre outras — é fundamental para compreender a diversidade dos corpos e corpos que habitam e ressignificam o espaço escolar.

Nesse sentido, o banheiro espaço de reclusão e intimidade torna-se um dos poucos lugares onde essas vozes podem emergir, mesmo que timidamente, mesmo que através do traço anônimo de um grafito. Os escritos nesses locais, ao ousarem existir, desafiam esse silenciamento secular. Cada palavra no azulejo, cada desenho rabiscado, carrega a potência de uma subjetividade que resiste à norma e reivindica seu lugar no mundo. Martin Buber (1923), em “Eu e Tu”, propõe que o verdadeiro encontro com o outro só acontece quando o reconhecemos como sujeito e não como objeto. O grafito, nesse sentido, pode ser lido como um convite ao encontro: não com o autor, mas com a experiência que ele evoca. O aluno ou aluna que escreve no banheiro clama por reconhecimento como sujeito inteiro — corpo(a), desejo, medo, contradição. Ao lermos os escritos com escuta e cuidado, também nos tornamos parte dessa relação ética proposta por Buber.

Por isso, esta pesquisa busca imergir nos grafitos de banheiros escolares como expressões artísticas, simbólicas e políticas. Como afirma Rancière (2012), toda arte contém uma partilha do sensível, ela organiza o que pode ser visto, dito e sentido. Assim, os grafitos funcionam como uma espécie de curadoria inconsciente das experiências estudantis, revelando o que o discurso oficial não consegue ou não quer acolher. Longe de serem apenas rabiscos obscenos, esses escritos são vozes do coletivo inconsciente, como apontam os estudiosos da arte marginal e da psicologia simbólica. São também testemunhos de uma juventude que resiste, que se faz presente no único espaço onde, paradoxalmente, pode desaparecer. Este estudo,

portanto, é também um gesto de escuta — uma tentativa de ler o não-dito, de fazer do grafito um texto, e da parede, um espelho — talvez o mais honesto de todos.

Percurso metodológico.

A construção deste estudo seguiu uma perspectiva cartográfica (Deleuze; Guattari, 1995; Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), entendendo que a pesquisa não se limita a registrar dados, mas acompanha processos, afetos e deslocamentos. Nesse percurso, não me coloco como observadora externa, mas como alguém atravessada pelas próprias memórias escolares. O banheiro, por exemplo, não foi apenas cenário de coleta, mas espaço de lembranças pessoais. Os registros foram feitos por meio de fotografias, anotações em diário de campo e da elaboração de um sketch book, onde imagens, reflexões e rastros foram se entrelaçando.

O método, nesse sentido, se aproximou mais de um gesto de escuta e tradução do que de uma coleta rígida: olhar atentamente para portas, espelhos, paredes, acompanhando os traços que se repetiam, os que resistiam, os que falavam de si e dos outros.

A análise não buscou quantificar ou generalizar, mas interpretar os sentidos e signos ali inscritos, em diálogo com autores como Ricoeur (1978) e Geertz (1989). Trata-se de uma leitura sensível que se abre ao não-dito, acolhendo os grafitos como fragmentos de narrativas que expõem vulnerabilidades, desejos e críticas à ordem escolar. Nesse gesto, compreende-se o grafito como dispositivo no sentido foucaultiano (Foucault, 1975): uma prática que articula poder, saber e subjetivação, tensionando as normas institucionais e instaurando espaços de resistência.

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa não apenas descreve grafitos, mas os entende como formas de reexistência: marcas que inscrevem subjetividades nos muros da escola, desafiando o silêncio e criando brechas para outras maneiras de pensar e viver a sexualidade.

Alguns resultados e considerações

Os registros fotográficos realizados nos banheiros escolares revelam que esses espaços funcionam como territórios simbólicos de expressão e resistência. Por sua natureza restrita e marginal dentro da estrutura escolar, o banheiro se configura como um lugar onde os estudantes se sentem mais livres para manifestar pensamentos que dificilmente seriam ditos em contextos supervisionados. Conforme aponta Barbosa (1984, p. 66), trata-se de “um lugar dedicado ao corpo, em sua mais natural condição”. Nesse ambiente de relativa privacidade e anonimato, surgem grafitos que expressam angústias, desejos, reflexões e críticas, revelando a complexidade das experiências juvenis.

As visitas às instituições escolares foram conduzidas a partir de uma busca territorial intencional, orientada por critérios de acessibilidade, pela presença de turmas a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II e por um comprometimento ético com o campo de investigação. Essa aproximação não foi apenas metodológica, mas também afetiva, pois implicava transitar por espaços cotidianos onde subjetividades se inscrevem de maneira silenciosa.

Ao todo, foram visitadas 15 unidades escolares, localizadas em diferentes regiões urbanas, em um mapeamento atravessado por memórias pessoais, afetos e marcas do presente. Em cada instituição, foram apresentados os objetivos da pesquisa e os procedimentos metodológicos, com atenção à clareza ética e à escuta sensível. No entanto, em grande parte das abordagens, houve resistência por parte das gestões escolares. Apesar da disposição para o diálogo, a recusa institucional à entrada e à realização dos registros foi uma constante dificuldade, que muitas vezes era motivada pelo receio de exposição dos conteúdos visíveis nas paredes dos banheiros, espaços percebidos como marginais e desautorizados, por vezes, essa negativa vinha acompanhada de justificativas administrativas, preocupações com a imagem institucional e discursos ambíguos que evidenciavam um desconforto em lidar com a proposta investigativa.

Em uma das escolas, o que mais me chamou atenção era essa tensão que se materializou de maneira mais contundente. Desde a chegada, o ambiente era atravessado por uma densidade difícil de nomear: olhares desconfiados, palavras econômicas, uma espécie de temor não verbalizado. A diretora, ao ser questionada sobre a possibilidade de registro, afirmou com veemência que havia recebido uma notificação no dia anterior, informando que qualquer forma de documentação visual dentro da escola seria considerada ilegal. Tal alegação, embora apresentada como incontestável, soou inverossímil, especialmente diante da ausência de qualquer documento oficial. A impressão deixada foi a de uma justificativa elaborada como estratégia para impedir o acesso à pesquisa.

Esse episódio, entre outros, escancara o quanto o banheiro em lugar furtivo por natureza, ocupa uma posição liminar dentro do espaço escolar. Não apenas em termos físicos, mas simbólicos: é nele que se concentra uma potência expressiva que escapa ao controle, e talvez por isso mesmo, seja alvo de tentativas de silenciamento, tanto por meio da arquitetura quanto por dispositivos discursivos que buscam interditar o olhar.

Das 15 escolas visitadas, apenas quatro autorizaram a realização dos registros visuais. O recorte final dos dados, portanto, é atravessado por esses limites e resistências, o que, longe de configurar um obstáculo metodológico, evidencia a potência do tema e a urgência de olhar justamente para o que a escola tenta ocultar. Como aponta Dussel (2005), a escola moderna tende a construir uma imagem de assepsia e controle, silenciando expressões que escapam ao currículo oficial e ao discurso hegemônico. Esse desejo de manter a aparência de neutralidade revela, tal como discutido por Foucault (1975), o funcionamento da escola como

dispositivo disciplinar, onde o que pode ser visto e dito é regulado por estruturas de poder. Ao contrário do discurso oficial, que busca manter o ambiente “limpo” e silencioso, essas inscrições revelam disputas simbólicas, linguagens subterrâneas e pulsões juvenis que escapam ao controle.

Em diversas conversas com as equipes gestoras, emergiu uma preocupação latente com o risco de “manchar” a imagem institucional, sobretudo diante da possibilidade de que os registros revelassem conteúdos considerados inadequados, como desenhos de genitálias, frases de teor sexual ou críticas explícitas à escola, como se a pesquisa fosse uma espécie de fiscalização.

É possível evidenciar que os grafitos apresentam temáticas recorrentes, como questões de sexualidade, identidade, normatividade de gênero. Esses escritos funcionam como formas de subjetivação e produção de discurso. Como já discutido por Foucault (1996), os discursos que emergem das margens são potentes porque revelam os modos como o poder atravessa os(as) corpos(as) e os saberes. Assim, os grafitos se tornam dispositivos de fala em um espaço que, paradoxalmente, é também o espaço do silêncio institucional.

A presença recorrente de desenhos fálicos, majoritariamente nos banheiros masculinos, chamou atenção pela insistência com que esse símbolo aparece nos registros. Longe de ser um simples “rabisco” ou piada escolar, o falo desenhado carrega camadas simbólicas que se relacionam com a construção social da masculinidade e suas formas de afirmação e domínio. O órgão genital masculino, nesse contexto, não é apenas representado ele é reiterado, multiplicado e exposto.

Essa repetição pode ser interpretada como uma performance de poder, uma tentativa de reafirmação da virilidade dentro de um espaço em que os meninos convivem entre pares e constroem suas identidades de gênero. Como aponta Connell (1995), a masculinidade hegemônica se sustenta em signos que reforcem o domínio, a força e o controle — e o falo é, historicamente, um desses signos. Desenhá-lo, portanto, pode funcionar como um gesto simbólico de marcar território, de mostrar-se potente diante dos outros, ainda que por meio do anonimato. É significativo, também, que a maior parte desses desenhos seja feita em tom de deboche, acompanhada de frases ofensivas ou escatológicas, o que evidencia o quanto esses jovens são atravessados por tabus e violências simbólicas. Ao mesmo tempo, tais práticas revelam o desejo de pertencer e se fazer visível, ainda que por meio da transgressão.

O que está em jogo, portanto, não é apenas o conteúdo gráfico do desenho, mas o que ele representa social e subjetivamente: a tentativa de ocupação simbólica de um espaço, a negociação (ainda que inconsciente) com normas de gênero e a busca por voz em uma instituição que frequentemente silencia a expressão juvenil.

Figura 1: Banheiro masculino, 2025.



Fonte: acervo dos(as) autores(as).

A imagem acima chama atenção pelo efeito cômico que é imediato, mas o que está implicado nessa cena vai além da piada escolar ou da criatividade adolescente. A imagem encena uma espécie de vigilância invertida — não a vigilância repressiva da escola sobre os estudantes, mas a dos pares sobre os próprios corpos. Há um olhar que julga, comenta, compara. Um olhar que não é neutro, mas carregado de códigos de validação. O uso do termo “picão” remete diretamente à lógica da virilidade exagerada, onde o tamanho do órgão genital aparece como sinônimo de prestígio, poder ou respeito entre os colegas.

Esse tipo de grafia não apenas revela uma relação quase caricatural com a ideia de masculinidade, mas também evidencia o quanto essa construção passa por mecanismos de

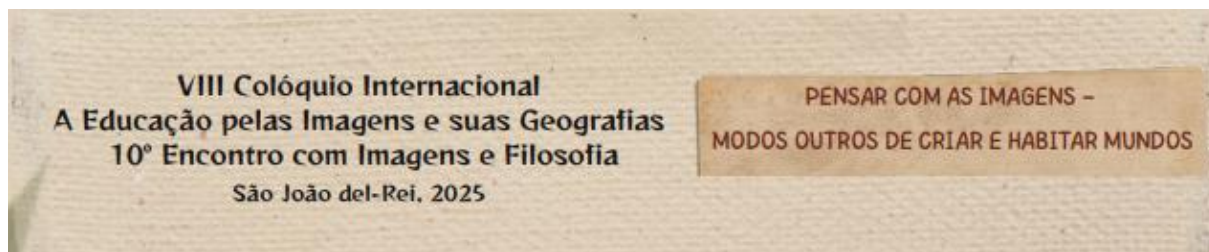


Figura 3: Banheiro feminino, 2025.



Fonte: acervo dos(as) autores(as).

No banheiro feminino, a materialidade dos grafitos se apresentou de maneira significativamente distinta. Ao contrário do que predominava no espaço masculino marcado por desenhos, símbolos fálicos e afirmações de virilidade, ali o que mais se via eram palavras. Frases soltas, declarações, conselhos amorosos, desabafos, provocações, recados direcionados e até ameaças veladas ocupavam as paredes, formando quase um mural de vozes anônimas que se entrelaçam e se respondem, como se o banheiro funcionasse também como um fórum silencioso e coletivo.

Foi possível observar comentários sobre aparência, desejos, ciúmes, inseguranças e rivalidades, compondo um cenário de intensas negociações identitárias. Havia, por exemplo, críticas dirigidas a outras meninas, muitas vezes sobre seus corpos ou escolhas que, por um lado, podem ser lidas como expressão de uma rivalidade feminina estimulada por uma lógica competitiva que atravessa a formação das meninas na escola. Por outro, via-se também um esforço de escuta e cuidado: mensagens de apoio, frases motivacionais e conselhos sentimentais surgiam entre as acusações, compondo uma rede complexa de afetos contraditórios.

Essa diferença me atravessou profundamente. Intuí, desde o início, que os grafitos teriam expressões distintas nos banheiros masculino e feminino, afinal, os modos de socialização de meninos e meninas na escola seguem roteiros normativos diferentes. No entanto, o contraste foi mais surpreendente do que eu imaginava.

Ao contrário do banheiro masculino, onde os desenhos — sobretudo fálicos — ocupam a maior parte das inscrições, no feminino a palavra reina. E, embora já se esperasse alguma diferença de conteúdo entre os gêneros, a força contrastante entre essas linguagens surpreendeu. Enquanto os meninos reafirmavam o poder fálico e a virilidade por meio de grafismos grosseiros e cômicos, as meninas utilizavam o texto como modo de expressão subjetiva, social e emocional. Havia ali uma multiplicidade de vozes que, mesmo quando violentas, ainda dialogavam. A parede não era apenas superfície; era ouvinte, cúmplice, confidente e, em muitos casos, terapeuta silenciosa.

Essa diferença entre os gêneros pode ser pensada à luz da performatividade de gênero proposta por Butler (2003), segundo a qual o que entendemos por masculino e feminino se constrói por meio da repetição de atos e discursos. Nos banheiros escolares, essa performatividade se torna visível: os meninos performam virilidade, muitas vezes de forma agressiva ou debochada; já as meninas escrevem identidades em disputa, ora afetivas, ora hostis, mas sempre profundamente marcadas pela linguagem. Guacira Lopes Louro (1997) contribui ao afirmar que a escola é um espaço onde se ensina e se vigia o gênero. O corpo que escreve nas paredes está também aprendendo o que pode e o que não pode ser dito, quem pode falar e de que modo. O banheiro, como espaço marginal dentro da instituição, funciona como uma fresta nesse controle, permitindo que os sujeitos tensionem normas, mesmo que sob anonimato.

Além disso, Joice Berth (2019) nos ajuda a compreender o valor político desses espaços de escrita. Para ela, é fundamental recuperar os espaços de fala e escuta das mulheres, especialmente em territórios de invisibilidade. O banheiro, nesse contexto, torna-se arena de subjetivação e insurgência, onde jovens autoras negociam suas dores, afetos, medos e potências.

Tais manifestações ligadas à sexualidade apareceram com destaque nos grafitos, muitas vezes por meio de frases, provocações ou confissões anônimas. A adolescência, enquanto fase de intensas transformações e experimentações, encontra nesses espaços uma possibilidade de expressão fora dos discursos normativos. Como observa Barbosa (1984), “temos vergonha, pudor ou nojo de coisas que não convém expor socialmente”. Isso inclui os desejos, afetos e identidades que fogem ao modelo heteronormativo. Além disso, foi possível observar que os grafitos não aparecem isoladamente: muitos formam diálogos entre estudantes, com respostas, complementos ou contestações a mensagens anteriores. Esses diálogos reforçam o banheiro como um espaço de trocas simbólicas, onde se produzem sentidos coletivos. Essa rede de inscrições pode ser compreendida como um território de resistência (hooks, 2020), em que estudantes constroem pertencimento e identidade à margem dos discursos oficiais da escola. O

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

banheiro escolar, nesse sentido, deixa de ser um "não lugar" para se constituir como zona de resistência simbólica e política. É onde estudantes produzem significados próprios sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, muitas vezes em oposição às normas hegemônicas da escola, que tende a silenciar, higienizar ou punir tais expressões. Trata-se de um território insurgente, onde a linguagem escrita nas paredes resiste ao apagamento e se torna meio de autoafirmação, denúncia, provocação e também de cuidado entre pares.

Como nos lembra bell hooks (2020), os espaços de resistência não precisam ser institucionalizados para existirem: eles nascem da necessidade de sobreviver e afirmar-se diante das opressões. As mensagens nos banheiros escolares revelam essa micropolítica do cotidiano, em que os estudantes constroem subjetividades e coletividades longe dos olhares vigilantes da escola, criando um espaço próprio de fala, escuta e existência.

Ao dar atenção a essas expressões, a pesquisa reconhece o grafito como linguagem legítima, conforme propõe Sperling (2019), que defende a valorização das formas de expressão dos sujeitos escolares em sua pluralidade e potência política. O reconhecimento desses traços, muitas vezes apagados ou ignorados, aponta para a urgência de práticas pedagógicas mais sensíveis, que acolham a diversidade de experiências juvenis e promovam o diálogo com os mundos que os estudantes carregam.

Os resultados da pesquisa ultrapassam as imagens registradas: tratam-se de marcas que resistem ao tempo, ainda que efêmeras, pois são constantemente apagadas e renovadas. Mesmo em meio à digitalização das formas de expressão, os grafitos manuais persistem, como impulsos simbólicos que não se explicam apenas por rebeldia, mas por necessidades humanas de comunicação, pertencimento e afirmação.

Estar nesses espaços como observadora foi uma experiência singular, que revelou não apenas práticas de transgressão, mas modos de existências. Os grafitos aparecem como rastros de subjetividades que tentam se inscrever, mesmo sob vigilância. São vestígios do que insiste em aparecer, apesar das tentativas institucionais de apagamento. Como afirma Didi-Huberman (2017), há imagens que ardem mesmo quando são destruídas. As motivações para essas manifestações são múltiplas e complexas não se deixam capturar por explicações únicas. Acredito que estejam ligadas a impulsos fundamentais do ser humano, expressos de forma mais aguda no período da formação intelectual, afetiva e identitária que marca a adolescência. Observar esses registros imaginar as histórias por trás de cada traço, cada palavra ou desenho foi um exercício que ampliou significativamente minha compreensão sobre os comportamentos e conflitos vividos pelo(a)s autores(as) dos grafitos. Para a construção da cartografia da pesquisa, foi adotado o uso do sketchbook como dispositivo metodológico e estético, operando como uma espécie de diário de campo visual. Essa ferramenta permitiu a elaboração de narrativas por meio de colagens, registros fotográficos, anotações e intervenções gráficas, revelando a fluidez e a potência subjetiva do processo investigativo.

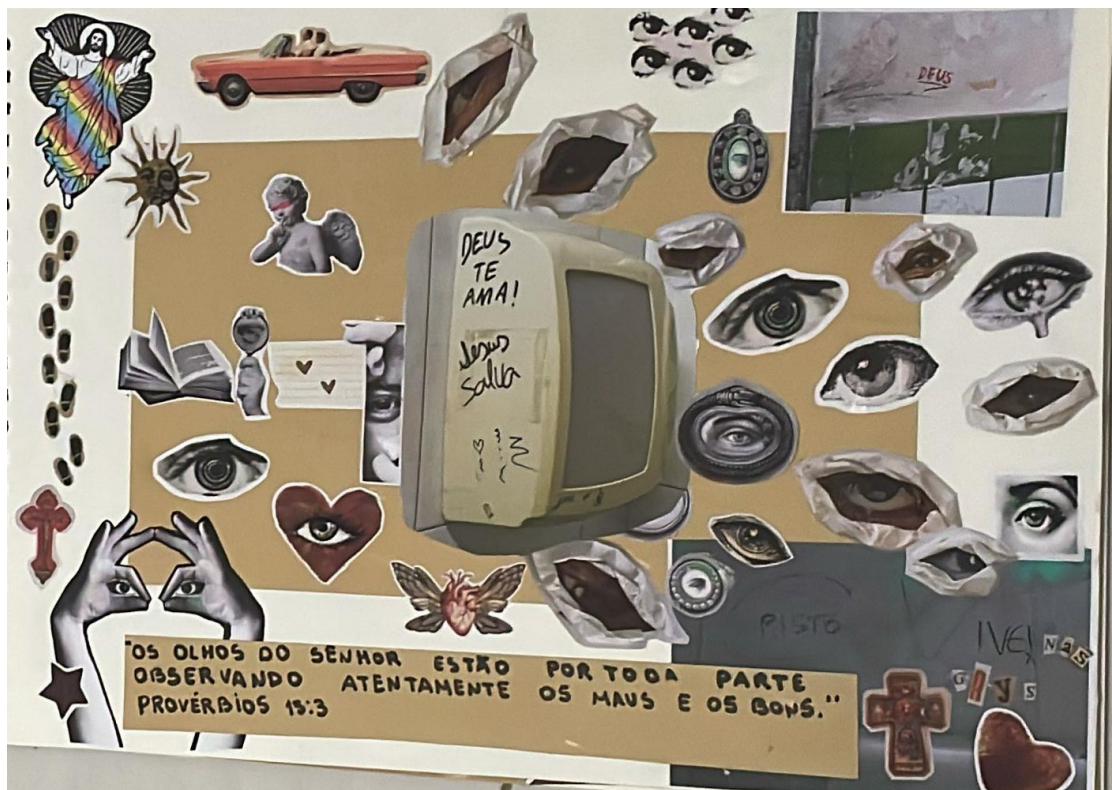
O sketchbook foi sendo construído paralelamente às visitas às escolas, assumindo-se como espaço de atravessamentos, em que observações, afetos e experiências se inscrevem de forma plástica e sensível. Mais do que um simples registro, ele configura um território de escuta e criação, no qual a me posiciono ora como observadora, ora como interlocutora silenciosa, dos (as) sujeitos(as) que habitam e produzem os espaços escolares.

Figura 4: Shetchbook recortes dos banheiros visitados, 2025



Fonte: acervo dos(as) autores(as).

Figura 5: Shetchbook recortes dos banheiros visitados, 2025



Fonte: acervo dos(as) autores(as).

Acervo do banco de imagens coletadas nas escolas, disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1wTzLOpcgHzIAXwAZkfNclld59Iv1faw/view?usp=sharing>

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Referências

- BARBOSA, Lívio Teixeira. Grafitos latrinários: uma literatura marginal. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUBER, Martin. Eu e tu. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- CONNELL, Raewyn. Masculinidades. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/edsondeoliveira,+Pol%C3%ADticas+da+Masculinidade.pdf> Acesso em 8 ago. 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2012.
- RIBEIRO, Paula. Sexualidade, gênero e educação: reflexões sobre práticas escolares. São Paulo: Cortez, 2006.
- RICOEUR, Paul. A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- SPERLING, Miriam. Imagens que falam: gênero e sexualidade nos banheiros escolares. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.